



**Respondendo às
principais objeções
islâmicas sobre a Bíblia
Parte 3**

Entre a fé e a crítica

por Marcos Amado

Respondendo às Principais Objeções Islâmicas sobre a Bíblia

B.	Corrupção do Texto	14
1.	O Pentateuco e os Evangelhos na época de Maomé.....	15
2.	O Antigo Testamento foi corrompido após morte de Maomé?.....	16
3.	A confiabilidade do texto do Novo Testamento	17
4.	O que cristãos e muçulmanos entendem por Revelação?	18
C.	Os discípulos não eram <i>nabi</i> nem <i>rasul</i>	19
D.	Não há corrupção no texto corânico	22
IV.	Conclusão	24
V.	Bibliografia: textos citados nesta obra	26

B. Corrupção do Texto

É muito interessante observar que Taymiyya jamais provou objetivamente que o texto da Bíblia foi corrompido. Não há referências, datas, lugares ou qualquer outra informação que comprove onde ele obteve suas informações ou como chegou à sua conclusão.

Por não mencionar suas fontes, seria possível simplesmente ignorar suas acusações. No entanto, vale a pena tentar oferecer uma resposta à sua principal objeção em relação à credibilidade do texto bíblico.

Ao longo da história, diversos teólogos muçulmanos renomados e respeitados na comunidade islâmica sustentaram (ou sustentam) que as passagens do Alcorão que falam sobre o tema indicam que judeus e cristãos teriam distorcido ou alterado o significado e a interpretação do texto, e não o texto em si.

Os primeiros polemistas muçulmanos, como 'Ali al-Tabari, Zaydi al-Qasim ibn Ibrahim e Al-Hasan ibn Ayyub, aplicaram o conceito de "*tahrif al-ma'na*" às escrituras cristãs e judaicas. Os polemistas posteriores da escola *Ash'arite*, como Al-Baqillani, Al-Ghazali e Fakhr al-Din al-Razi, também abordaram a Bíblia como basicamente sólida em seu texto, mas mal interpretada por cristãos e judeus. (Taymīyah & Michel, 1984, p. 89)

Embora o próprio Taymiyya tenha reconhecido que o livro sagrado muçulmano não declara explicitamente que o texto da Bíblia foi alterado, ele observou discrepâncias entre eventos ou doutrinas presentes nas Escrituras cristãs e o que o Alcorão ensina. Ao constatar tais divergências, Taymiyya concluiu que o Alcorão está correto e o texto bíblico deve ter sido modificado por cristãos e judeus. Isso se aplica a questões como a crucificação e ressurreição de Jesus, e sua afirmação de ser o Filho de Deus, por exemplo. O mesmo acontece com a alegação sobre o papel profético de Maomé. O Alcorão afirma que ele é mencionado na Bíblia.¹⁶ Como não se encontra tal menção, a única explicação plausível, segundo ele, é que o texto bíblico foi alterado.

Como, então, é possível argumentar com um muçulmano e mostrar-lhe que não há base para a afirmação de que o texto da Bíblia foi corrompido?

1. O Pentateuco e os Evangelhos na época de Maomé

O Alcorão atesta que o "Povo do Livro" tinha em sua posse a verdadeira Torá e os Evangelhos. Há muitos versículos no Alcorão falando sobre a Bíblia cuja conjugação verbal está no tempo presente, reconhecendo a existência das sagradas escrituras judaicas e cristãs na época de Maomé. Aqui estão alguns exemplos:

"Ó filhos de Israel... acreditem no que Eu revelo, **confirmando a revelação que está com vocês**, e não sejam os primeiros a rejeitar... E não encubram a verdade com a falsidade, nem escondam a verdade quando vocês a conhecem... Vocês ordenam conduta correta para as pessoas e esquecem de praticá-la vocês mesmos, e ainda assim **estudam as Escrituras**? Vocês não entendem?" Sura 2:40-44.

Neste verso, fica claro que, para Maomé, os judeus possuíam a revelação (ou seja, o Pentateuco, chamado de Torá no Alcorão). O texto não fala sobre "a revelação que vocês tinham (no passado), e que foi corrompida". Além disso, como eles poderiam confirmar a revelação que eles tinham em mãos se não a tivessem na sua forma correta?

"E quando lhes chega um Livro de Deus, **confirmando o que está com eles**... eles se recusam a acreditar nele..." Sura 2:89.

Aqui há, novamente, a afirmação de que os judeus tinham em sua posse as Escrituras (Torá), que deveria ser usada para comparar a veracidade do que Maomé estava dizendo. Quem está supostamente falando por meio de Maomé é Deus. E Deus não pediria que tal comparação fosse feita se a versão que os judeus possuíam não fosse sem alterações.

"Mas por que eles [os judeus] vêm a ti em busca de decisão, quando **eles têm (a própria) Lei** diante deles? Nela está o (claro) Mandamento de Deus..." Sura 5:46.

Não apenas os judeus têm sua própria lei (o Pentateuco), mas nessa lei pode ser encontrada o claro mandamento de Deus.

¹⁶ "São aqueles que seguem o Mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Tora e no Evangelho, o qual lhes recomenda o bem e que proíbe o ilícito, prescreve-lhes todo o bem e veda-lhes o imundo, alivia-os dos seus fardos e livra-os dos grilhões que o deprimem. Aqueles que nele creram, honraram-no, defenderam-no e seguiram a Luz que com ele foi enviada, são os bem-aventurados." Sura 7.157.

"Que **o Povo do Evangelho julgue pelo que Deus revelou nele**. Se alguém deixar de julgar pelo que Deus revelou, eles são (nada melhor do que) aqueles que se rebelam" Sura 5:50.

Como o "Povo do Evangelho" poderia julgar de acordo com o que Deus havia revelado a eles, se eles não tivessem o verdadeiro Evangelho em sua posse? Deus não daria um mandamento que não pudesse ser cumprido.

"Diga: Ó Povo do Livro! Vocês não têm nada (de orientação) até que **observem a Torá e o Evangelho e o que foi revelado a vocês** por seu Senhor" Sura 5:71.

Judeus e cristãos são instruídos a observar o que lhes foi revelado. Isso não poderia ser feito se a Torá e o Evangelho que tinham em mãos estivessem corrompidos.

2. O Antigo Testamento foi corrompido após morte de Maomé?

A partir dos poucos exemplos mencionados acima (há outros), pode-se afirmar que há evidências suficientes para concluir que Maomé não considerava a Bíblia como falsificada. Então, teria ela sido modificada após o tempo de Maomé? Isso seria muito difícil. Por quê?

O Antigo Testamento tem se mostrado um texto muito confiável. Desde o fechamento de seu cânon, por volta de 400 a.C., até o ano 900 d.C., grupos cuidadosos de escribas foram responsáveis por transmitir fielmente o texto das Escrituras. Eles tinham regras muito rígidas que garantiam que a cópia fosse confiável, conforme o manuscrito mais antigo.

Um desses grupos, chamado Massoretas (900 a.C. a 500 d.C.), foi extremamente meticuloso em seu tratamento do texto sagrado. De acordo com Sir Frederic Kenyon, quando eles tinham que fazer cópias de todo o texto do Antigo Testamento ou partes dele, eles

"... realizavam uma série de cálculos que não fazem parte da esfera comum da crítica textual. Eles numeravam os versículos, palavras e letras de cada livro.

Calculavam a palavra central e a letra central de cada um. Enumeravam versículos que continham todas as letras do alfabeto, ou um certo número delas, e assim por diante. Essas trivialidades, como podemos considerá-las corretamente, tinham o efeito de garantir atenção minuciosa à transmissão precisa do texto... Os Massoretas estavam, de fato, atentos para que nem um jota nem um til, nem uma menor letra nem uma pequena parte de uma letra, da Lei desaparecesse ou fosse perdida." (Conforme citado em McDowell, 1993, p. 58)

No entanto, por mais cuidadosos que fossem, o manuscrito mais antigo do Antigo Testamento produzido pelos Massoretas disponível até hoje data de aproximadamente 1.000 d.C. (Moon, 2016). Com isso, temos um intervalo de tempo de mais de 1500 anos sem uma cópia antiga confiável da Torá. Maomé morreu no ano 632 d.C. Não poderia ser que modificações tivessem sido feitas no texto por cristãos e judeus entre a morte de Maomé e o ano 1.000 d.C., e não soubéssemos nada sobre isso?

Em 1947, essa possível dúvida começou a ser dissipada com a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto.¹⁷ Entre uma variedade de manuscritos antigos descobertos, um dos mais surpreendentes foi um manuscrito completo do texto hebraico de Isaías. Após uma análise cuidadosa, o manuscrito de Isaías foi confirmado como sendo de cerca de 125 a.C., mais de mil anos antes do manuscrito mais antigo disponível na época. Mais surpreendente ainda foi descobrir que não havia diferenças significativas entre o manuscrito recém-descoberto e o texto massorético, escrito mil anos depois.

Gleason Archer afirmou que uma comparação entre ambos os manuscritos "se mostrou idêntica, palavra por palavra, ao Antigo Testamento usado por judeus e cristãos em mais de 95% do texto. Os 5% de variação consistiam principalmente em erros óbvios de escrita e variações na ortografia" (McDowell, 1993, p. 61).

Se um texto pôde ser transmitido com tanta precisão por mais de mil anos, não há razão, nem evidência, para acreditar que ele não tenha sido igualmente bem preservado nos séculos anteriores.

3. A confiabilidade do texto do Novo Testamento

¹⁷ Manuscritos do Mar Morto é o "nome dado aos depósitos de textos antigos escritos em hebraico, aramaico ou grego, em papiro ou couro, que desde 1947 foram descobertos perto da margem Oeste do Mar Morto" (Collins, 1992, p. 85). Entre outros textos religiosos, também foram encontradas manuscritos (completos ou incompletos) de livros do Antigo Testamento.

Mesmo que os muçulmanos aceitem que o Antigo Testamento tenha sido mantido e transmitido de forma confiável, ainda poderiam argumentar que o texto do Novo Testamento foi alterado depois da morte de Maomé.

Se seguirmos a linha de raciocínio mencionada anteriormente, de que o Alcorão reconhece a existência de uma Torá e de um Evangelho válidos no tempo de Maomé, a única coisa que os muçulmanos precisariam fazer seria obter uma cópia do Novo Testamento daquela época, ou mesmo anterior a Maomé, compará-la com o Novo Testamento que temos hoje e apontar as diferenças. O problema para eles é que tais diferenças não existem.

O Códice Sinaiticus, por exemplo, datado de 350 d.C., contém a versão completa em grego do Novo Testamento tal como o conhecemos hoje, sem diferenças textuais significativas. Portanto, se (1) a versão do Alcorão que temos hoje foi estabelecida por volta do ano 650 d.C.,¹⁸ (2) o próprio Alcorão afirma a existência de um Evangelho não corrompido na época de Maomé, (3) os manuscritos que temos hoje do Novo Testamento em grego são anteriores a Maomé e (4) eles são idênticos àqueles que já existiam na época em que Maomé viveu, por que os muçulmanos afirmam que o Novo Testamento foi alterado? Para comprovar tal acusação, seria necessário que eles apresentassem cópias do Antigo e do Novo Testamento da época de Maomé que fossem diferentes das cópias disponíveis hoje em diversos museus e centros de estudos ao redor do mundo.

4. O que cristãos e muçulmanos entendem por Revelação?

Dito isso, ainda é necessário abordar mais um aspecto: embora seja o ideal, os cristãos não podem afirmar que o texto de suas Escrituras, tal como disponível hoje, é idêntico, palavra por palavra, ao texto original. Embora as diferenças sejam pequenas, existem diversas leituras variantes entre os diferentes manuscritos disponíveis. Isso é um fato inegável.

No entanto, da perspectiva cristã, não há necessidade de negar isso. A compreensão cristã de Revelação é bastante diferente da muçulmana. Para os muçulmanos, um texto, para ser considerado uma Escritura Sagrada, deve ser ditado por Deus e escrito por um mensageiro-profeta exatamente como foi recebido. O fator humano, histórico, contextual, etc., não é considerado.

¹⁸ Não há concordância entre os estudiosos muçulmanos e não-muçulmanos sobre a data da formação do Alcorão. Várias questões textuais e históricas trazem à tona uma série de questões que ainda não foram satisfatoriamente respondidas. Alguns entendem que o texto do Alcorão como o temos hoje foi finalizado ao redor de 100 anos após a morte de Maomé. Entretanto, a maior parte dos eruditos muçulmanos defendem (baseado no que diz o Hadith) que seu livro sagrado foi formado por volta do ano 650 d.C. Para um estudo mais aprofundado do assunto, consulte (Small, 2011) e (Amado, 2015).

Para os cristãos, por outro lado, Deus, através do Espírito Santo, inspirou diferentes autores humanos para escreverem exatamente o que Ele pretendia que fosse comunicado.

Os cristãos aceitam a "autoria dual" das Escrituras (Bauder, 2023), algo inaceitável para um muçulmano. Para o cristão, há o lado humano, já que o contexto, a personalidade e os estilos individuais dos autores são claramente visíveis, mas também há o lado divino. Deus usou os fatores humanos e as circunstâncias para revelar Sua verdade. Não há dificuldade em aceitar que, em alguns casos, os autores bíblicos tenham usado diferentes fontes e as tenham editado. Quaisquer que tenham sido as fontes, os autores, sob a orientação do Espírito Santo, registraram o que Deus queria que fosse comunicado.

Essa posição não implica que os cristãos sejam céticos quanto à possibilidade de as Escrituras serem ditadas. Tal possibilidade existe. No entanto, há diversas outras formas. Os métodos pelos quais as Escrituras cristãs foram transmitidas são múltiplos e diversificados. Visões, ocasionalmente acompanhadas de estados de êxtase, sonhos, inspiração profética, investigação meticulosa e até mesmo ditado são meios pelos quais Deus revelou Sua palavra escrita. O reconhecimento dessas variadas formas de comunicação divina permite uma compreensão de Deus mais abrangente do que a crença de que Ele usou apenas uma forma para transmitir Sua palavra.

Também é relevante lembrar que a Sura 6:34 afirma: "... não há ninguém que possa alterar as palavras (e decretos) de Deus..." E na Sura 10:64, lemos que "... não pode haver mudança nas Palavras de Deus. Isso é, de fato, a suprema felicidade."

Se os muçulmanos dizem que acreditam em seu Livro, e seu Livro afirma que as palavras de Deus foram reveladas aos judeus e cristãos, e que a palavra de Deus não pode ser alterada, como podem, ao mesmo tempo, afirmar que a Bíblia foi alterada?

C. Os discípulos não eram *nabi nem rasul*¹⁹

Os muçulmanos argumentam que, uma vez que os discípulos de Jesus não eram, de acordo com a definição islâmica, profetas (*nabi*) nem mensageiros ou apóstolos (*rasul*), eles não poderiam ter produzido escrituras infalíveis.

¹⁹ A transliteração destas duas palavras em árabe para o português está no singular, pois são as que mais comumente são utilizadas em português. Porém, a transliteração das palavras no plural seria *anbiya* e *rusul*.

Esse é um pressuposto básico dos muçulmanos, mas é possível refutá-lo. Como já foi discutido anteriormente, há muita divergência sobre o significado exato das palavras "apóstolo", "mensageiro" e "profeta" em ambas as religiões. Para os cristãos, os apóstolos também podiam ser profetas, mas os muçulmanos discordam. No entanto, talvez essa não seja a questão central. A verdadeira questão é: quem pode ser usado por Deus para receber e transmitir sua mensagem?

Para os muçulmanos, apenas um profeta pode transmitir infalivelmente a palavra de Deus, e somente um profeta que também seja mensageiro pode ser o receptor de uma mensagem na forma de um livro sagrado. Para os cristãos, esse não é o caso. Se Deus é tão grandioso (*Allahu Akbar*), como cristãos e muçulmanos afirmam, por que Ele não poderia comunicar sua mensagem da maneira que escolher? Por que Ele não poderia garantir a inerrância de suas palavras, mesmo que fossem transmitidas por um discípulo (ou apóstolo), ou por qualquer outra pessoa?

A Bíblia foi escrita por mais de 40 autores de diversas esferas da vida, incluindo reis, camponeses, filósofos, pescadores, poetas, estadistas e estudiosos. Se Deus, por meio de seu Espírito Santo, pode inspirar homens escolhidos por ele para comunicar sua palavra, não há razão para pensar que os apóstolos, que estiveram com Jesus por três anos, aprendendo com ele dia e noite, não pudessem também escrever a palavra inspirada por Deus. Se é possível aceitar que Deus enviou Jesus (como cristãos e muçulmanos acreditam) e que os apóstolos foram transformados pela mensagem divina transmitida por Jesus, por que não se poderia aceitar o testemunho deles como verdadeiramente inspirado por Deus?

Do ponto de vista cristão, nem mesmo um profeta pode garantir a infalibilidade das Sagradas Escrituras; apenas Deus pode. Nenhum profeta é infalível.²⁰ Seria lamentável depender da infalibilidade de um profeta para que a palavra inspirada de Deus chegasse até nós.

Os muçulmanos acreditam em Jesus, não como Salvador nem como Filho de Deus, mas como um profeta, um mensageiro de Deus que "nasceu de uma virgem, realizou milagres, era o Messias, viveu uma vida sem pecados, ascendeu vivo ao céu e retornará antes do fim do mundo" ("The World's Religions," 1982, p. 316). Com isso em mente,

²⁰ Existe um debate entre os estudiosos do Islã sobre se Maomé foi infalível tanto na transmissão da mensagem quanto em seu exemplo de vida. A questão é complexa e também envolve considerações sobre se Deus concede a todos os profetas a capacidade de não pecar, ao menos em relação a ações consideradas como grandes pecados na lei e teologia islâmicas. Uma pesquisa rápida na internet sobre "a infalibilidade profética no Islã" revelará uma vasta gama de páginas que abordam o tema. É digno de nota que na Sura 47:19, Deus admoesta Maomé, instando-o a pedir perdão por seus pecados. A palavra usada em árabe (لِلذُنُوبِ) é comumente traduzida como "pecados". No entanto, muitas traduções do Alcorão para outras línguas optam por traduzir esta palavra como "falhas", "deficiências", entre outros termos, em vez de "pecados". Isso pode refletir a perspectiva teológica do tradutor sobre o assunto.

seria possível argumentar que, se usarmos Jesus como padrão para definir o que constitui um profeta, até mesmo Maomé não satisfaria todos os requisitos, particularmente no que se refere à realização de milagres.

A discussão sobre às crenças islâmicas acerca dos milagres atribuídos ao profeta Maomé encontra-se fortemente fundamentada nas informações contidas nos Hadiths. Daniel Brown afirma que, ao longo do tempo, muçulmanos sentiram “a necessidade de estabelecer as credenciais proféticas de Maomé” (2022b, p. 146). Tais credenciais estão fortemente vinculadas às informações encontradas na biografia de Maomé, redigida aproximadamente um século após sua morte, que, por sua vez, é extremamente dependente dos Hadiths. “Ibn Ishaq [o principal biógrafo do profeta] descreve uma série de milagres em torno da vida de Maomé”, continua Brown,

e ele não é, de forma alguma, o único entre os estudiosos muçulmanos a enfatizar os milagres. Todo um gênero da literatura da tradição é dedicado a ‘provas’ milagrosas de profecias, *dalail al-nubuwwa*. Uma palmeira suspira quando o Profeta passa, um punhado de tâmaras cai da árvore ao seu comando, a lua se divide ao meio e, em várias ocasiões, o Profeta alimenta multidões com pequenas quantidades de comida” (2022b, p. 146).

Mas isso é o que é encontrado no Hadith, já que

O Alcorão sugere fortemente que Maomé não realizou milagres. O Alcorão registra as críticas dos oponentes do Profeta, na verdade, por não apresentar quaisquer sinais sobrenaturais além do próprio Alcorão. Por uma questão de dogma, então, muitos muçulmanos e não muçulmanos modernos concordam que Maomé não poderia ter realizado milagres (*ibid.* 2022b, p. 146)

Assim, o máximo que os muçulmanos poderiam afirmar é que o Alcorão representa um milagre divino, com Maomé atuando apenas como um instrumento nas mãos de Deus, à semelhança de Abraão, Moisés e Davi. Essa perspectiva sugere que, se Maomé era um profeta, então Jesus ocuparia uma posição ainda mais elevada.

Portanto, uma decisão se faz necessária: se apenas um profeta-mensageiro pode receber e transmitir as palavras de Deus, e o significado do que é um profeta for definido com base na pessoa de Jesus, então Maomé não pode ser um profeta e não poderia ter recebido e transmitido as palavras de Deus. Nesse caso, nem mesmo Abraão, Moisés e outros poderiam proferir palavras divinamente inspiradas. Por outro lado, se pessoas imperfeitas podem receber e transmitir as palavras de Deus, então Maomé poderia, e os apóstolos também. Nesse caso, então, Jesus seria mais do que um profeta.

D. Não há corrupção no texto corânico

Conforme visto anteriormente, os muçulmanos não possuem fundamentos sólidos para afirmar que o texto bíblico, conforme disponível nos dias de hoje, passou por alterações significativas, além de pequenas diferenças textuais que são comuns em um livro antigo, composto ao longo de aproximadamente 1500 anos.

No entanto, ainda temos que responder a uma pergunta: o Alcorão é absolutamente confiável? Os muçulmanos podem realmente ter certeza de que o texto sagrado que eles têm hoje é exatamente o mesmo que foi revelado a Maomé? Mais uma vez a resposta é não.

O texto completo do Alcorão foi, de acordo com as crenças muçulmanas, revelado por Deus a um homem, Maomé, em um período de menos de 25 anos. À medida que ele recitava as revelações, seus companheiros as escreviam em omoquetas de gado, em couro, em pedras brancas ou em outros materiais disponíveis. De acordo com a tradição, várias pessoas memorizaram todo o Alcorão, mas até o momento da morte de Maomé em 632 d.C., o texto completo do Alcorão ainda não havia sido escrito. As diferentes partes da revelação estavam dispersas, nas mãos de diferentes pessoas que viviam em várias regiões do Oriente Médio. É neste ponto que é possível apontar vários problemas que testemunham contra a crença de que o texto do Alcorão hoje é o mesmo da época de Maomé

Como mencionado anteriormente, quando Maomé morreu, em 632 d.C., não havia uma cópia completa do Alcorão. Um ano após sua morte, o Califa Abu Bakr, o homem que assumiu a posição de Maomé como líder da nova comunidade, decidiu que todo o Alcorão deveria ser colocado por escrito. Zaid ibn Thabit, que havia estado com o profeta, foi o homem escolhido para cumprir essa tarefa. O que levou Abu Bakr a decidir que o Alcorão deveria ser escrito em um livro, se ele havia sido memorizado por alguns dos seguidores de Maomé? Foi porque algumas das pessoas que o haviam memorizado haviam morrido recentemente em uma batalha. Um relato, transmitido por Zaid ibn Thabit e registrado por Al-Bukhari, um dos estudiosos islâmicos mais respeitados de todos os tempos, diz o seguinte:

No momento do massacre das pessoas de al-Yamamah, Abu Bakr me chamou, e eis que Omar ibn al-Khattab estava com ele. Abu Bakr disse: 'Verdadeiramente Omar veio até mim e disse: 'verdadeiramente o massacre no dia de al-Yamamah foi severo entre os Recitadores do Alcorão e de fato temo que tenha havido um massacre severo nos campos de batalha entre os Recitadores, portanto muito do Livro está indo embora (sendo perdido), e considero que você deve dar

ordens para a coleta do Alcorão' ... Omar não parou de me pressionar repetidamente, até que Deus expandiu meu peito para a ideia e eu formei a mesma opinião que Omar tem (Conforme citado em Campbell, 1986, p. 98)

O que é importante notar aqui é a afirmação de que "muito do Livro está indo embora". Certamente, alguém pode dizer que isso não deveria ser um problema porque ainda havia pessoas que tinham memorizado todo o Alcorão. Mas se essas pessoas fossem completamente confiáveis, por que Zaid, em outro Hadith, diz que "reuni isso de ramos de palmeiras sem folhas, de pedras brancas e de peitos de homens, até que encontrei o fim da Sura At-Tawbah com Abu Khuzaimah, o Ansari. Não encontrei com mais ninguém além dele..."? (Conforme citado em Campbell, 1986, p. 99).

Foi assim que surgiu a primeira versão "oficial" do Alcorão por escrito, mas que ainda estava incompleta. Cerca de dezesseis anos depois, Otomão, o terceiro califa após Maomé, decidiu que uma versão final do Alcorão precisava ser feita. Por quê? Porque havia outros homens que tinham reunido seu próprio Alcorão, conforme o ouviam de Maomé ou coletaram de outras pessoas que estiveram com o profeta.

Contudo, será que essas outras cópias em posse de diferentes companheiros de Maomé concordavam entre si e com aquela reunida no tempo de Abu Bakr? Não. Na verdade, as diferenças eram tão evidentes que soldados muçulmanos do Iraque e da Síria, que estavam participando de uma expedição contra a Armênia, acusavam uns aos outros de mentir, pois estavam usando versões diferentes do Alcorão disponíveis na época. Um Hadith relata como Hudhaifah ibn al Yaman explicou o problema a Otomão:

... os sírios seguem a recitação do Alcorão de acordo com Ubai ibn Ka'b, e eles dizem coisas que os iraquianos não ouviram, então estes últimos os acusam de descrença. Da mesma forma, os iraquianos, que seguem a recitação de Ibn Mas'ud, leem coisas que os sírios não ouviram, e os sírios os acusam de descrença. Contenha este povo antes que eles discordem no livro, como fazem judeus e cristãos. (Conforme citado por Campbell, 1986, p. 111.)

Otomão, insatisfeito com o que ouviu, solicitou que trouxessem a cópia ainda incompleta do primeiro Alcorão "oficial", determinou que um comitê fizesse uma versão final e padronizada do Alcorão, e ordenou que todas as demais versões, cópias e fragmentos fossem queimados. Ainda assim, nem todos cumpriram esta ordem. Ibn Mas'ud foi um dos mais próximos companheiros de Maomé e passou a viver em Kufa (atual Iraque) após a morte do profeta. Quando ele recebeu uma cópia da versão oficial feita sob os auspícios de Otomão, com a ordem de que todos os demais

manuscritos corânicos fossem destruídos, ele se recusou a entregar e queimar sua própria cópia do Alcorão e não a destruiu (Jeffery, 1937).

Como o Dr. Campbell diz:

Se Otomão não tivesse ordenado que todas as outras cópias do Alcorão fossem queimadas, haveria quatro (ou mais) testemunhos separados de sua validade. Ele queimou cópias do Alcorão que eram as principais coleções, feitas por testemunhas oculares e auditivas do que Maomé disse. (Campbell, 1986, p. 118.)

Yusuf Ali, na introdução de sua tradução do Alcorão para o inglês, afirma que o Alcorão, que é usado em todo o mundo, é a cópia exata do Alcorão que foi compilado por ordem de Abu Bakr..." (Ali, 1946, p. 17). Como vimos, isso é muito improvável. E mesmo que fosse verdade, todo o processo de coleta do Alcorão deixa muitas perguntas sem respostas.

IV. Conclusão

Os muçulmanos não podem dizer que os cristãos corromperam o significado da Bíblia, criando uma religião que não agradou a Deus. Isso atestaria contra a prática de sua própria religião, que em alguns aspectos se desenvolveu de maneira semelhante ao cristianismo.

Também, com base em seu próprio livro sagrado, os seguidores de Maomé não podem afirmar que o texto da Bíblia foi alterado. Se o fizerem, também poderiam ser acusados *de tahrif al-ma'ni*. E se o texto da Bíblia não foi alterado, então os muçulmanos ficam com a tarefa de lidar com pontos doutrinários, afirmações e histórias claramente ensinados na Bíblia, mas são negados, omitidos ou parcialmente afirmados no Alcorão.

Da mesma forma, não há motivo para se ater às suposições muçulmanas de que apenas profetas-mensageiros podem receber e transmitir a palavra de Deus. Essa não é a crença cristã. E se o que define um profeta for baseado no que o Alcorão e a Bíblia dizem sobre Jesus, Maomé não poderia ser um profeta. Se Maomé foi um profeta, mais uma vez os muçulmanos ficam com uma decisão importante em mãos: quem foi Jesus?

Em última análise, os muçulmanos não podem criticar os cristãos alegando que o texto da Bíblia atual difere do original sem antes considerar o histórico de compilação do próprio Alcorão. Tal histórico não deixa dúvidas de que a razão pela qual o Alcorão não possui leituras variantes, como temos na Bíblia, é porque Otomão, após fazer uma

versão padronizada, ordenou que todos os demais manuscritos fossem destruídos. Se o Alcorão fosse submetido à mesma crítica textual que a Bíblia, o efeito sobre o Islã poderia ser muito grande, sobretudo devido à sua ênfase na precisão do texto.

Se os muçulmanos ou outros grupos desejam desacreditar a mensagem da Bíblia, certamente podem escolher fazê-lo. No entanto, provavelmente seria mais produtivo se, como ponto de partida, cristãos e muçulmanos respeitassem mutuamente seus livros sagrados e, ao dialogarem, concentrassem seus esforços no aspecto mais crucial de todos: quem é Jesus para os seguidores de ambas as religiões e qual é o seu papel no processo de descoberta do caminho que nos leva a Deus?

Setembro de 2023

V. Bibliografia: textos citados nesta obra

- Alcorão (português). Obtido de <https://quran.com/pt>
- Alhassi.com. Arabic roots: the power of patterns. Obtido de <http://alhassy.com/arabic-roots>
- Ali, A. Y. (1946). *The Holy Qur'an - Translation and Commentary*. Durban: Islamic Propagation Centre International.
- Amado, M. (2015). *A doutrina da imutabilidade do Alcorão – Breve análise histórico-textual*. Obtido de <https://www.martureo.com.br/product/ebook-a-doutrina-da-imutabilidade-do-alcorao/>
- Amado, M. (2020). Os cristãos têm um lugar à mesa para Maomé? Obtido de <https://www.martureo.com.br/os-cristaos-tem-um-lugar-a-mesa-para-maome/>
- Bauder, K. T. (2023). Jesus and the dual authorship of Scripture. Obtido de <https://centralseminary.edu/jesus-and-the-dual-authorship-of-scripture/>
- BBC. (2023). Key beliefs em Islam. Obtido de <https://www.bbc.co.uk/bitesize/guides/zr4r97h/revision/8>
- Brown, D. (2022a). A literatura da Tradição. Em *Uma nova introdução ao islã* (pp. 131-151). Viçosa: Editora Ultimato.
- Brown, D. (2022b). *Uma nova introdução ao islã* (V. L. D. Fernandes, Trans.). Viçosa: Editora Ultimato.
- Campbell, W. (1986). *The Quran and the Bible : In the light of history and science*. Upper Darby, PA: Middle East Resources.
- Collins, J. J. (1992). Dead Sea Scrolls. Em D. N. Freedman (Ed.), *The Anchor Yale Bible Dictionary*. New York: Doubleday.
- Costa, C. (2015). Número de centros islâmicos sobe 20% em 2015 em São Paulo. Obtido de https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150911_mesquitas_saopaulo_cc
- Deutsche Welle. (2017). População muçulmana na Europa pode triplicar até 2050. Obtido de <https://g1.globo.com/mundo/noticia/populacao-muculmana-na-europa-pode-triplicar-ate-2050.ghtml>
- Esposito, J. L. (2002). *What everyone needs to know about Islam*. Oxford ; New York: Oxford University Press.
- Geisler, N. L., & Nix, W. E. (1986). *A general introduction to the Bible*. Chicago: Moody Press.
- Hoover, J. (2010). *Al-jawab al-sahih li-man baddala din al-Masih*. Em D. Thomas (Ed.), *Christian-Muslim Relations 600-1500*. Obtido de http://dx.doi.org/10.1163/1877-8054_cmri_COM_25572
- Jeffery, A. (1937). *Materials for the history of the text of the Qur'an*: <http://www.bible.ca/islam/library/Jeffery/Materials/index.htm>.
- Madrigal, C. (2010). *Explicando la Trinidad al islam*. Espanha.

- McDowell, J. (1993). *Evidence that demands a verdict : historical evidences for the Christian faith*. Nashville, Tenn.: T. Nelson.
- Moon, S. H. (2016). Codex Leningradensis. Em J. D. Barry (Ed.), *The Lexham Bible dictionary*. Bellingham, WA: Lexham Press.
- Pew Research. (2015). The future of world religions: population growth projections 2010-2050. Obtido de <https://www.pewresearch.org/religion/2015/04/02/muslims/>
- Rasul. (2023). Obtido de <https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100404991>.
- Schimmel, A. (2023). Sufism. Em *Encyclopaedia Britannica*.
- Small, K. E. (2011). *Textual criticism and Qur'an manuscripts*. Plymouth, UK: Lexington Books.
- Taymīyah, A. A. Ḥ. I., & Michel, T. F. (1984). *A Muslim Theologian's Response to Christianity: Ibn Taymiyya's Al-Jawab Al-sahih*: Caravan Books.
- The world's religions. (1982). Em *The world's religions*. Oxford: Lion Publishing.